

A POÉTICA METAFÓRICA DE LOBIVAR MATOS: A PROFECIA DE UM AREÔTORARE

Juliano Antunes CARDOSO¹

RESUMO: Lobivar Matos foi uma figura ímpar na inteligência de Matogrosso, hoje Mato Grosso do Sul. Poeta, jornalista e crítico literário, ele deixou em seus poemas um retrato cru dos espoliados da sociedade corumbaense do início do século XX. Objetiva-se, neste trabalho, estudar a maneira como o poeta manejou a metáfora nas obras *Areôtorare*, de 1935, e *Sarobá*, lançada no ano seguinte. Tendo em vista a importância da metáfora na constituição de toda e qualquer poesia, a sua análise na *ars poetica* de Lobivar visa, no afã de levar a sua obra cada vez mais ao conhecimento do público, aprofundar-se no estudo da estrutura poética deste autor tão peculiar e representativo na cultura do Pantanal.

Palavras-chave: Lobivar Matos; Metáfora; Poesia.

RESUMEN: Lobivar Matos fue una figura sin par en la inteligencia de Matogrosso, hoy Mato Grosso do Sul. Poeta, periodista y crítico literario, el dejó en sus poemas un retrato crudo de los expoliados de la sociedad corumbaense del inicio del siglo XX. Se objetiva, en este trabajo, estudiar la manera como el poeta manejó la metáfora en las obras *Areôtorare*, de 1935, e *Sarobá*, lanzada en el año siguiente. Teniendo en vista la importancia de la metáfora en la constitución de toda y cualquier poesía, su análisis en la *ars poetica* de Lobivar visa, en el afán de llevar su obra cada vez más al conocimiento del público, aprofundarse en el estudio de la estructura poética de este autora tan peculiar y representativo en la cultura del Pantanal.

Palabras-clave: Lobivar Matos; Metáfora; Poesia.

1. Introdução

Lobivar Matos auto intitulou-se o *Poeta Desconhecido*. Esse epíteto foi retirado do poema *Destino do Poeta Desconhecido*, que é, ironicamente, seu poema menos desconhecido. Figura ímpar na história da intelectualidade corumbaense, Lobivar já goza de certo reconhecimento na atualidade. Não figura entre os autores consagrados pelo cânone nacional, mas já possui alguns estudiosos sobre sua obra, com alguns escritos relevantes.

É nesta esteira que a dissertação *A poética metafórica de Lobivar Matos: A profecia de um Areôtorare* pretende se inserir. Investigando a metáfora na poesia lobivariana esse trabalho pretende somar-se à dissertação e tese de Susylene Dias Araújo, aos textos de Paulo Sérgio Nolasco Santos e outros pesquisadores na formação de um corpo crítico sobre a poética de Lobivar Matos.

Este artigo é uma síntese do que será a dissertação, apresentando as mesmas partes, porém com menos extensão e profundidade. Não será uma cópia fiel, haja vista que a dissertação ainda está em seus primeiros passos e pode sofrer algumas mudanças. Mas poderá

¹ (PG em Letras – UFMS/CPTL)

servir de modelo ao que pretendemos alcançar, em conformidade com o espírito do SETA, que é a discussão com intuito de produzir um trabalho final mais encorpado e significativo.

O artigo traz em seu corpo uma apresentação do poeta Lobivar Matos; seguida por rápida abordagem teórica sobre a metáfora; para, por fim, fazer uma análise da utilização da metáfora na poética de Lobivar.

2. Apresentação do poeta desconhecido

Lobivar Matos nasceu em Corumbá, em 11 de janeiro de 1915, e faleceu em 27 de outubro de 1947, no Rio de Janeiro. Diplomou-se em Direito no Rio de Janeiro, trabalhou como jornalista e foi funcionário público. Publicou suas duas obras quando pouco completara vinte anos. Sua primeira obra, *Areôtorare* (1935) traz um poeta embebido pelo espírito modernista, que fez do realismo, da crueza e da concisão a peculiaridade no trato da “comedia-dramatica da vida.” (1935, p. 7).

O segundo livro, *Sarobá* (1936), foi publicado pela Minha Livraria Editora, do Rio de Janeiro. Na introdução dessa obra Lobivar explica que Sarobá é “a macha negra bulindo na cidade mais branca do mundo” (1936, p. 6). Este livro contém 30 poemas, dentre eles o poema *Sarobá* (1936, p. 9), que abre o livro:

Bairro de negros,
Negros descalços, camisa riscada,
Beiçolas caídas,
Cabelo carapinhé;
Negras carnudas rebolando as curvas,
Bebendo cachaça;
Negrinhos sugando as mamas murchas das negras,
Negrinhos correndo doidos dentro do mato,
Chorando de fome.

A morte prematura, devido a uma operação malsucedida, reduziu a obra do autor à publicação dos dois livros. O lançamento de uma terceira obra, chamada *Renda de Interrogações*, ficou em suspensão. Este livro, que está em poder da família do poeta, mostra, segundo Araújo (2008, p. 4), “45 composições que evidenciam a dúvida como uma constante à biografia do artista” e que “apresenta poemas de um Lobivar bastante singular, se compararmos os devaneios poéticos de *Renda*, com o eco dos párias e excluídos que ganham vozes em *Sarobá*” (2008, p. 4). Numerosos esforços foram feitos para o relançamento da obra do poeta até que em 2009 a pesquisadora Susylene Dias Araújo conseguiu o feito, relançando-as em fac-símile no livro *Obras Reunidas de Lobivar Matos*.

3. Uma luz sobre a metáfora

Ao se pesquisar a metáfora na obra deste autor corumbaense é preciso ter-se em vista a importância da metáfora e do seu estudo na história da poesia. Segundo Aristóteles, “A metáfora é a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por analogia.” (1964, p. 274) Essa definição é o que tem orientado todos os estudos posteriores sobre a metáfora. Como afirma Grácia-Rodrigues, “Aristóteles foi o primeiro estudioso a conceituar a metáfora, e suas proposições têm validade até aos nossos dias, constituindo, ainda que seja para serem refutadas, a fonte de toda discussão posterior sobre o assunto.” (2006, p. 186).

Percebe-se a influência aristotélica nos críticos que se debruçam sobre o estudo da metáfora. Podemos ver isto na definição de Candido:

A metáfora [...] se baseia na analogia, isto é, na possibilidade de estabelecer uma semelhança mental, e, portanto, uma relação subjetiva, entre objetos diferentes, abstraindo-se os elementos particulares para salientar o elemento geral, que assegura a correlação. Mais radical do que a imagem, suprime o elemento comparativo e opera uma transfusão de sentido entre objeto e objeto. (2006, p. 136)

Massaud Moisés aponta que “a metáfora se monta em torno de uma comparação, explícita ou implícita, entre dois vocábulos ou frases, de que resulta a transformação de sentido de cada membro e o nascimento de um sentido novo, proveniente da totalidade do enunciado.” (1997, p. 121).

Xavier distingue metáfora em três funções, sendo a primeira a “transposição do significado do plano sensorial para o conceitual” (1978, p. 80); a segunda a “transposição de significado no mesmo plano existencial” (1978, p. 80); e a terceira a “transposição do plano subjetivo para o objetivo” (1978, p. 80). Contudo, vê-se nessas funções apenas uma releitura da definição clássica de Aristóteles.

Embora sempre levando em consideração as raízes aristotélicas, os estudiosos procuraram suplantá-las em seus trabalhos. Pfeiffer procurou apontar “a autêntica metáfora nunca surge apenas de uma comparação consciente.” (1964, p. 32), pois, segundo o crítico, a metáfora não se trata “de uma justaposição de dois conteúdos objectivos ligados posteriormente por meio de comparação, de um <<tal como>> mas sim de que um dos conteúdos apenas existe em, com e por meio do outro.” (1964, p. 32).

Nessa mesma esteira, os estudos de Candido apontam que:

O homem forma imagens para dar vazão a necessidades profundas, e elas são carregadas de um valor simbólico que escapa ao seu elaborador. A importância do valor simbólico das palavras é um dos postulados da psicologia moderna, mostrando que a palavra é não apenas signo arbitrário (como ensina a lingüística), mas invólucro simbólico de um sentido que radica em camadas profundas do espírito. (2006, p. 151)

Não obstante a importância do processo de formação das metáforas, é o seu resultado que dá o valor poético. Nas palavras de Moisés, “a poesia é a expressão do ‘eu’ por meio de metáforas” (1997, p. 114). O “que faz, portanto, que os vocábulos organizados em texto sejam poéticos ou não? A resposta que vimos dando se resume numa só palavra: a metáfora.” (1997, p. 116).

O caráter sintético e elíptico da poesia, que a torna ao mesmo tempo hermética e fascinante, advêm também da metáfora, pois num “verso construído como enunciado direto da idéia requer mais palavras para atingir o que pretende do que um verso construído por metáforas – que podem em muito poucas palavras condensar um alta carga expressiva.” (Candido, 2006, p. 154).

Segundo Moisés, o que dá característica de um poema ser um objeto estético inenarrável sob outras formas se deve também a metáfora, pois:

a metáfora literária é conotativa por excelência, pois somente se realiza no texto escrito e no contexto fundado pelos vocábulos vizinhos. Daí que não possa traduzir-se literalmente: o sentido de uma metáfora literária recusa qualquer tipo de paráfrase [...] a metáfora é o termo próprio que designa um objeto novo concebido pela imaginação criadora. (1997, p. 129)

Se a metáfora é característica básica da poesia, ela também pode ser o que separa o joio do trigo dentre os poetas, pois, segundo Massaud Moisés, nos poetas maiores “a metáfora cumpre uma função, é meio de um fim além de fim em si própria” (1997, p. 129).

Tendo se feito uma mínima definição de metáfora e também demonstrado sua importância na poesia, podemos dizer que a metáfora é a figura de linguagem básica para a poesia, logo, é peça chave para a sua compreensão e, por extensão, para a compreensão da poética de todo autor. Com Lobivar Matos não é diferente, destarte, faz-se necessário um estudo sobre a metáfora em sua poesia.

A maneira como Lobivar manejou a metáfora em sua poesia pode, sobre a luz dos teóricos do assunto, indicar-nos o processo pelo qual sua poesia se concebeu, seu valor estético e perenidade. A poesia simples e “realista” do poeta poderá ser revelada em suas

significações mais sutis, mostrando-se, deste modo, toda a potência da carga expressiva contida em sua poética.

4. Análise do poema *Homens e Pedras*

Homens e Pedras

1 O encarregado da pedreira, um sujeito forte,
2 cara de português e de verdugo,
3 dá uma volta pelo rancho de madeira
4 e, em seguida, o sino badala
5 chamando os operários para a luta.

6 Pobres operários! Ignorantes, inconscientes, rudes
7 voltam à refrega. E, no espaço de um minuto,
8 onde o silêncio era profundo, agora
9 o barulho é medonho,
10 de aturdir,
11 de ensurdecer...

12 Só se ouve o ruído fino e frenético do aço que geme
13 na carne dura e rija das pedras lascadas.

14 De um lado, os britadores,
15 num ritmo desordenado,
16 vão quebrando,
17 esmigalhando,
18 esfarinhando,
19 nos seus dentes robustos,
20 lascas e lascas
21 das pedras dinamitadas na montanha.

22 De outro lado caminhões carregados,
23 esburacando a terra, passam, rangendo,
24 em disparada, como loucos infernais.
25 Lá em cima, no alto do morro
26 côxo
27 dois homens trabalham, zombando da morte.

28 Aqui mais abaixo, com a ajuda de alavancas enormes,
29 braços poderosos movem massas de pedra,
30 que rolam,
31 pesadas,
32 enchendo o ar
33 de faíscas
34 fuzilantes
35 de fogo.

36 De vez em quando um mulato descansa o malho
37 e passa o dedo grosso na testa enrugada.
38 Ouve-se, então, um tinido de aço

39 que batesse, em cheio, num bloco de pedra.
40 É o suor do mulato que se cristaliza em aço.

41 Agora é findo o trabalho... Silencio!
42 Mas eu continuo a ver
43 aquelas pedras rolando e se esmigalhando, aqui em baixo,
44 aqueles homens, lá em cima, zombando da morte...

45 Agora é finda a refrega... Silencio!
46 Mas eu continuo a ouvir
47 o ruído fino e frenético do aço que geme
48 na carne dura e rija das pedras lascadas.

49 Silêncio!...
50 Silêncio!...

51 O sol é um martetele de ouro perfurando o espaço!
(Matos, 1935, p. 13-16)

O poema *Homens e Pedras* contém 51 versos livres divididos em 11 estrofes irregulares. A começar pelo nome, que já é o primeiro dado a ser analisado, vemos dois elementos que pelas leis científicas estão divididos em dois grupos diferentes: O homem está inserido dentre os animais e a pedra dentre os minerais. O homem é um ser vivo; enquanto a pedra é um ser inanimado, estático. Saindo das leis científicas para o campo do estudo linguagem, temos então dois substantivos: o homem e a pedra: os dois protagonistas do poema.

A primeira estrofe traz o relato de uma ação: o encarregado chamando os operários para o trabalho. No entanto vê-se nos versos 1 e 2 a predicação do encarregado, caracterizando-o como “um sujeito forte / cara de português e de verdugo,”. Percebe-se neste verso que a “cara” aqui não se corresponde à “face” do encarregado em si, pois por mais que os portugueses possam ter traços característicos, os verdugos não os têm. Verdugo no dicionário² significa: Algoz, carrasco ou pessoa cruel, desumana, que dá maus tratos a alguém. Ou seja, pela associação ao verdugo, podemos dizer que a “cara de português” do encarregado remeta à carga semântica do português como um povo que dominou o Brasil durante tanto tempo. O encarregado é então caracterizado como alguém forte, cruel e dominador. No verso 5 temos a substituição de “trabalho” por “luta”, numa metáfora já bem gasta, que a princípio não chama tanta atenção, afinal já é corriqueiro a sua utilização no dia-

² Michaelis. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=embeber>. Acesso em 25/082009.

a-dia, haja vista que a palavra “trabalho” vem do latim *tripaliu*, que era um antigo instrumento de tortura. Então não é novidade associar trabalho com luta, batalha.

Se na primeira estrofe é caracterizado o encarregado, na segunda acontece o mesmo com os operários. Vemos isso nos versos 6 e 7, percebendo uma exclamação do eu – lírico ao tratar da situação dos operários. Eles são pobres, ignorantes, inconscientes e rudes na visão do poeta. Vemos que os adjetivos “ignorantes” e “inconscientes” não atribuem características aos operários, mas sim a subtraem. No caso, os trabalhadores **não** têm conhecimento e **não** têm consciência, e sabe-se que tanto uma quanto a outra são características marcantes do Homem. No verso 7, novamente o poeta utiliza uma metáfora para trabalho. Neste caso ele utiliza “refrega”, que também significa luta. Essa segunda metáfora, embora também não cause estranhamento, pode indicar um reforço de sentido ao “trabalho”. Antonio Candido refere-se à metáfora da seguinte forma:

(...) é um tipo especial de imagem. Ela se baseia na analogia, isto é, na possibilidade de estabelecer uma semelhança mental, e portanto uma relação subjetiva, entre objetos diferentes, abstraindo-se os elementos particulares para salientar o elemento geral, que assegura a correlação. Mais radical do que a imagem, suprime o elemento comparativo e opera uma transfusão de sentido entre objeto e objeto. (2006, p. 136)

Vê-se então que a metáfora neste poema une os elementos particulares da luta e do trabalho, ou seja, a dor, cansaço, fadiga, esforço. É uma metáfora simples, mas, como poderemos ver adiante, pode ser revitalizada pelo próprio poema.

Ainda na segunda estrofe é possível notar a modificação do ambiente pelo início do trabalho. No verso 8, “onde o silêncio era profundo, agora” vemos o advérbio “onde” marcar o espaço em que o silêncio predominava. Pode-se notar que o silêncio não está associado à paz ou tranquilidade, pois “silêncio profundo” pode mais ser associado a um ambiente mórbido, sem vida. No entanto, o “agora” é caracterizado pelos versos 9, 10 e 11, versos em nos quais “barulho medonho” é marcado pela sonoridade dos versos 10 e 11 nas palavras “aturdir” e “ensurdecer”.

As reticências do final da segunda estrofe fazem o prelúdio da terceira estrofe. Nesta estrofe, no verso 12, vê-se a utilização da assonância de “i” em “ruído” e “fino” além da sonoridade da palavra “frenético” para enfatizar ao leitor o barulho medonho e ensurdecedor do trabalho que se inicia. Essa estrofe marca também a humanização ou, ao menos, a animação dos minérios. Nota-se isso no “aço que geme” e no verso 13, “na carne dura e rija

das pedras lascadas”. Tal processo de animação é importante, pois marca o traço principal do poema, que será visto adiante.

Na quarta estrofe a labuta dos operários acontece “num ritmo desordenado”. Esta estrofe contém os verbos quebrar, esmigalhar e esfarinhar, no gerúndio, o que demonstra o trabalho enquanto acontece no decorrer do dia. O uso dos verbos no gerúndio pode indicar exatamente o passar maçante do tempo para os trabalhadores.

A quinta estrofe complementa a quarta mostrando o outro lado do trabalho em que “caminhões carregados, / esburacando a terra, passam, rangendo, em disparada, como loucos infernais.” O poeta bestializa o trabalho equiparando os caminhões a “loucos infernais”, ao mesmo tempo em que, apesar de o verso narrar o caminhão em velocidade, a sintaxe é amarrada pelas vírgulas. Nisto podemos ver como o trabalho segue numa marcha que é ao mesmo tempo célere e dificultosa. Nos versos 25, 26 e 27 narra-se o trabalho de dois homens que “zombam da morte”, mas o que se destaca aqui é novamente o processo de animação do minério, neste caso, o morro. Vemos que a mineração do homem o deixou coxo. Interessante que a palavra “coxo” se encontra isolada num único verso, demonstrando que talvez o poeta quisesse chamar atenção para ela. No Gênesis (1995, p. 27) foi durante uma contenda que um anjo deixou Jacó coxo para o resto de sua vida. Aqui vemos então que a “luta” da estrofe 1 e refrega da estrofe 2 ganham mais força de significação quando se esclarece quem são os dois oponentes na batalha. De um lado há o Homem e do outro a Natureza representada pelo morro, pelas pedras. Entre os dois há o trabalho.

O poeta vai situando a ocupação dos trabalhadores no morro. “De um lado”, “De outro”, “Lá em cima” e, por fim, na estrofe 6, “Aqui mais embaixo”. Neste verso o poeta utiliza o espaço da folha para reproduzir a avalanche de pedras que acontece durante a mineração.

Aqui mais abaixo, com a ajuda de alavancas enormes,
braços poderosos movem massas de pedra,
que rolam,
pesadas,
enchendo o ar
de faíscas
fuzilantes
de fogo.

É possível ver na indicação da seta que o poeta reproduz a avalanche utilizando a configuração espacial da folha, como já foi ressaltado por Paulo César Nolasco do Santos que enfatizou “a maestria com que o poeta corumbaense se utiliza do verso livre, da notação elíptica do verso e da disposição gráfico-espacial na folha em branco, num procedimento modernista (...)” (2009, p. 135). Esta técnica seria muito utilizada pelos concretistas da geração pós-45, porém com outras características poéticas. Nota-se também como nos versos “faíscas/ fuzilantes/de fogo” a aliteração de “F” faz a exata imagem sonora da cena que acontece.

Na estrofe 7 está o fechamento da significação a qual se deu nesta análise interpretativa. Ela começa com a locução adverbial de tempo “de vez em quando” para mostrar o quão raro é o descanso dos trabalhadores. Mas no caso não é isto o que interessa e sim o que acontece nos versos 37, 38, 39 e 40. Nestes versos vemos um processo de mineralização do homem, por meio da metáfora de seu suor que se *crystaliza* em aço. O fato de ser o seu suor reforça ainda mais esta significação, pois o suor é exatamente o produto do trabalho, da luta, do esforço, sendo então a mineralização do trabalhador o produto de seu trabalho.

As estrofes 8 e 9 são versos que narram o fim do período de trabalho. No entanto são repetidos os versos que reproduziam o trabalho dos homens. Há nestes dois versos a exclamação “Silêncio!”, que ao mesmo tempo em que relata o silêncio na pedreira, também é um pedido de silêncio feito pelo eu – lírico. Na estrofe 8 o poeta diz “Mas eu continuo a ver” e na 9 ele insiste “Mas eu continuo a ouvir”. Isto demonstra que as repetições das imagens e dos sons do trabalho continuam a se repetir nas memórias dos trabalhadores que o poeta representa. O silêncio do final do trabalho repercute na memória do eu – lírico, como na memória dos trabalhadores que nunca descansam. Não se trata mais do barulho real, mas do barulho repetido no silêncio pesado do descanso.

O décimo verso é apenas e repetição da exclamação pelo silêncio. Já a última estrofe, formada pelo último verso “O sol é um martelete de ouro perfurando o espaço!”, possui a metáfora mais rebuscada do poema. Vemos nesse verso que a analogia sol/martelete de ouro vem fechar com todo o significado do poema. O sol aqui é um martelete que vem trazer novamente o barulho ao silêncio precário do trabalhador. Ou seja, num contexto em que o homem, pelo trabalho, fere a rocha e torna-se duro como o aço, o sol nada mais é do que um martelo que vem golpear esse homem, rompendo o silêncio e marcando mais um dia de árdua batalha.

4.1. *Conclusões da análise*

Analisando o poema de Lobivar Mattos vemos um poema que prima pela simplicidade da linguagem. As metáforas são usuais, sem grandes invenções. No entanto, à medida que se somam durante o poema fazem com que elas mesmas se potencializem. A imagem do trabalho, que normalmente já é ligado à dura lida do dia-a-dia, toma forma de batalha, sacrifício tanto para o homem quanto à natureza. O que parece a princípio um simples retrato do trabalho da mineração revela-se por fim uma crítica mais profunda. Não é apenas o homem modificando a natureza pelo seu trabalho, mas também o trabalho modificando a natureza do homem.

Isto se revela durante todo o percurso do poema, no qual o poeta trata do Homem e da Pedra, dois seres diferentes, mas que durante o processo poético de Lobivar Matos, vão se metaforizando, igualando-se pela animação das pedras e pela mineralização do Homem. Primeiramente o poeta tira a consciência e conhecimento dos homens, que são apenas “dedos grossos” e “braços poderosos”. Depois se chega ao ápice quando o suor do mulato se cristaliza em aço. Por outro lado, a princípio a carne das pedras é dura e rija. No entanto no final o morro está coxo pelo resultado da sua batalha com o Homem. Pensando que a preocupação de Lobivar Matos sempre foi o homem simples, poder-se-ia dizer que o poema não trata dos homens e das pedras, mas sim da brutalidade do trabalho que endurece os homens. Logo, no título do poema, “Pedras” seria uma predicação aos próprios homens.

Lobivar Matos trabalha essa significação seja na sonoridade, comparações ou metáforas que usa. Desta forma, ao fim do poema ele consegue ressignificar a metáfora trabalho/luta, demonstrando como essa batalha é travada corpo a corpo por Homem e Natureza, sendo a mútua modificação causada por esse embate desvelada pelo poeta no decorrer da obra. Lidar com uma poesia tão combativa e ao mesmo tempo tão sucinta em suas figuras de expressão pode levar fatalmente ao paralelismo entre o social e a poesia. É fato que o social tem grande impacto na poesia de Lobivar, mas nesta análise interpretativa tentou demonstrar como este fator se manifestou dentro da poesia, em sua forma. Falando sobre o tema, temos as palavras lapidares de Antonio Candido:

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como

significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*. (1976, p. 4)

Foi o que se tentou mostrar nesta análise interpretativa: o social, ou seja, o externo agindo internamente na fatura do poema. A luta pelos párias que Lobivar de Matos embebeu sua poesia interessa neste poema por que se apresentou como elemento estético preponderante para a compreensão do mesmo.

Da mesma forma que uma análise que só fizesse um paralelismo entre o externo e o interno teria falhado, a própria poesia que se preocupar em apenas registrar a realidade não pode ser considerado como poesia, pois “(..)poesia é a arte que se manifesta pela palavra. Toda falsa poesia se atraiçoa por que a sua forma verbal é apenas invólucro, em vez de constituir a maneira, forçosa e intransferível, como surge um conteúdo, uma interioridade.” (Pfeiffer, 1964, 30). Logo cabe à análise “(..) revelar esse ponto médio em que essência e palavra vêm a fundir-se e em que um modo de verdade se tornou realidade pelo encanto da forma.” (Pfeiffer, 1964, p. 11). Foi o que se tentou aqui.

5. Considerações finais

Este artigo visou estabelecer um paradigma do que será a dissertação *A poética metafórica de Lobivar Matos: A profecia de um Areôtorare*. A única conclusão plausível nesta altura do trabalho é a de que a metáfora é um mecanismo muito importante na constituição da poesia e sua análise na poética de Lobivar Matos é primordial. Se o poeta conseguiu utiliza-la ricamente em toda sua obra ainda não se pode dizer, mas no poema *Homens e Pedras* podemos como ele conseguiu, mesmo sem rebuscadas criações metafóricas, chegar a um objeto artístico interessante e significante.

REFERÊNCIAS

A Bíblia Sagrada. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. Ed. 1995. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

ARAÚJO, Susylene Dias de. De **volta à cena: Lobivar Matos, o modernista que já fora paradoxalmente lembrado como o poeta desconhecido**. *Revista Literatura*, São Paulo, n. 2, p. 36-40, 2008.

_____. **Obras Reunidas de Lobivar Matos: Areôtorare & Sarobá**. São Paulo: Editora UFMS, 2009.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e Arte poética**. Tradução Antonio Pinto de Carvalho. São Paulo: Difel, 1964.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 5. ed. Revista. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

_____. **O estudo analítico do poema**. 5. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

GRÁCIA-RODRIGUES, Kelcilene . **De corixos e de veredas: A alegada similitude entre as poéticas de Manoel de Barros e de Guimarães Rosa**. 2006. 313 f. Doutorado (Doutorado em Estudos Literários). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara.

MATOS, Lobivar. **Areôtorare**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1935.

MATOS, Lobivar. **Sarobá**. Rio de Janeiro: Minha Livraria, 1936.

MOISÉS, Massaud. **A criação poética**. São Paulo: Melhoramentos; Ed. da Universidade de São Paulo, 1997.

PFEIFFER, Johannes. **Introdução à poesia**. Manuel Villaverde Cabral [trad.]. Publicações Europa – América. 1964.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco. **Lobivar Matos: um clássico desconhecido**. In: ARAUJO, Susylene Dias de (org.). **Obras Reunidas de Lobivar Matos: Areôtorare & Sarobá**. São Paulo: Editora UFMS, 2009.

XAVIER, Raul. **Vocabulário de poesia**. Rio de Janeiro: Imago; Brasília: INL, 1978.